Advertência

Manoel Bomfim

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BOMFIM, M. Advertência. In: *A América latina: males de origem* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 1-3. ISBN: 978-85-99662-78-6.
<https://doi.org/10.7476/9788599662786.0001>.

This work is free of known copyright restrictions. <http://creativecommons.org/publicdomain/mark/1.0/>

Este trabalho está livre de restrições de direito de autor e/ou de direitos conexos conhecidas.
<http://creativecommons.org/publicdomain/mark/1.0/>

Esta obra está libre de restricciones conocidas de derechos autorales. <http://creativecommons.org/publicdomain/mark/1.0/>

ADVERTÊNCIA

Um livro deve explicar-se por si mesmo; preliminares, prólogos, introduções, prefácios e outros antelóquios explicativos são geralmente ou excessivos, ou incompletos. Todavia, há, muitas vezes, por fora do livro, nos motivos psicológicos da sua concepção, na história das idéias que ali se harmonizam, mais de uma advertência oportuna ao leitor, principalmente se trata de criticar e julgar gentes e fatos.

Este livro formou-se espontaneamente. Pois não é um sentimento natural, doce e confortante, esse amor ao solo natal, às paisagens que nos revelaram a natureza, às coisas que nos ensinaram a vida?.. Certamente, a expansão de afetos, no homem, não se limita simplesmente às terras que o nutrem, e às populações que lhe dão convívio e assistência; nos que são capazes de amar alguma coisa além da própria personalidade, o sentimento irradia-se, busca a beleza e a bondade onde quer que existam, alcança tudo que sente, sorri para todas as alegrias, e sofre de todas as dores. Mas é legítimo, é fatal, que essa necessidade de amar a natureza, as gentes, a vida, se concretize nas coisas entre as quais existimos, que os nossos afetos vão ter aos filhos dessa mesma terra onde nascemos, cujas idéias e sentimentos se acordam com os nossos, cujos costumes e linguagem evocam, para cada um, a própria história, os gozos passados, as dificuldades vencidas, o crescer da inteligência por entre os fatos, o agitar do coração, tentado, absorvido pela vida ambiente. As dores que vemos mais nos impressionam, os males que nos rodeiam mais estimulam a compaixão; é natural, pois, que o fervor e a paixão de solidariedade humana se exerçam entre aqueles de cujas tristezas e necessidades sabemos, que elas nos interessem especialmente, porque as compreendemos e avaliamos. Hoje conhecemos toda a humanidade, e toda ela nos interessa; vê-la solidária, unida, aliviada de toda opressão, aproveitando em comum, segundo as necessidades de cada grupo, os recursos que a ciência tem revelado, é o ideal de todos que têm um ideal; mas, na hora da ação, é forçoso que a atividade se aplique à sociedade a que pertencemos. Isto é patriotismo; e, assim, tal sentimento é nobre e digno, desde que não pretenda manter domínios. É nobre e humano, desde que, pugnando pelos interesses e necessidades de um povo, não busque resolvê-los em oposição aos interesses gerais da espécie, desde que, nos choques provocados pelos egoísmos em fúria, cada patriota se limite a

defender seu ideal, a repelir as agressões injustas, e a rebater as explorações e privilégios; a lutar pelo progresso moral da nacionalidade, e a anular as influências contrárias a esse progresso. É esse o meio de trabalhar eficazmente pela civilização e pelo bem geral. A pátria é um sentimento e é um fato; pois que nos sentimos fazer parte de um meio social, temos uma pátria, fora de qualquer pensamento exclusivista, fora de qualquer preocupação agressiva.

Este livro deriva diretamente do amor de um brasileiro pelo Brasil, da solicitude de um americano pela América. Começou no momento indeterminado em que nasceram esses sentimentos; exprime um pouco o desejo de ver esta pátria feliz, próspera, adiantada e livre. Foram esses sentimentos que me arrastaram o espírito para refletir sobre essas coisas, e o fizeram trabalhar essas idéias – o desejo vivo de conhecer os motivos dos males de que nos queixamos todos. Desse modo, as notações, as analogias, as observações, as reflexões se acumularam.

A idéia de incorporá-las num volume veio, talvez, há dez anos, ao ler o livro de Bagehot – *Physic and politic*. Que é que há de comum entre estas páginas e a obra substanciosa do sociólogo inglês? Nada. Nem a tenho presente, agora, ao dar forma definitiva a este trabalho; nem mesmo tenho nenhum dos livros que me inspiraram. Aqui, onde, forasteiro, escrevo, disponho apenas de notas, reunidas durante nove anos – senão, talvez fosse outra a forma que tivera este trabalho; não variariam, porém, as idéias. Essas mesmas, agora desenvolvidas, já as apresentei, em parte, resumidamente num parecer, prefácio à excelente História da América, livro didático do Sr. Rocha Pombo,¹ parecer que deriva justamente dessa preocupação, já antiga. Em 1897, quando o diretor geral de Instrução Pública fez anunciar o concurso de um compêndio de História da América, solicitei a honra de, na qualidade de membro do Conselho Superior de Instrução Pública, dar o parecer sobre as obras que se apresentassem: tal era o interesse que esse assunto apresentava para mim; e só assim se explica

¹ É momento, aqui, de dizer o prazer que senti ao verificar que o escritor (único a apresentar-se) cujo livro relatei, se bem que estudasse apenas os fatos históricos, e do ponto de vista didático, chegara a essa conclusão: que os males atuais da América Latina não são mais que o peso de um passado funesto, conclusão que ora demonstro e documento, quando estudo os efeitos do *parasitismo das metrópoles*, a que já me referia no *parecer*.

essa pretensão de tratar de matéria fora da minha especialidade, e à qual não podia apresentar nenhum título de competência oficial.

As notas se amontoam, o livro se forma a pouco e pouco – observações e reflexões, colhidas em cada uma das crises, desalentos, dúvidas e entusiasmos da vida que, entre dificuldades, vamos vivendo. Chegando aqui, à Europa, não só a natural saudade daqueles céus americanos, como a apreciação direta dessa reputação perversamente malévola de que é vítima a América do Sul, provocaram a reação afetiva que se traduz na publicação destas páginas. Fora daí, elas não viriam, talvez, à luz.

É um livro nascido, animado, alimentado e divulgado pelo sentimento; não o sentimento dos interesses pessoais, que obscurecem a razão e pervertem o julgamento, mas um sentimento que só aspira alcançar a verdade – a causa efetiva desses males, dentro dos quais somos todos infelizes; o desejo de subir à civilização, à justiça, a todos os progressos.

Vem aqui a exposição de uma teoria, construída com os fatos e as deduções como no-lo apresenta a ciência; a linguagem geral do livro, porém, certos comentários, parecerão descabidos ou impróprios a uma demonstração que assim se fundamente. Seria preciso, acreditam certos críticos, uma forma impassível, fria e impessoal; para tais gentes, todo o argumento perde o caráter científico sem esse verniz de impassibilidade; em compensação, bastaria afetar imparcialidade para ter direito a ser proclamado – rigorosamente científico. Pobres almas!... Como seria fácil impingir teorias e conclusões sociológicas, destemperando a linguagem e moldando a forma à hipócrita imparcialidade, exigida pelos críticos de curta vista!... Não; prefiro dizer o que penso, com a paixão que o assunto me inspira; paixão nem sempre é cegueira, nem impede o rigor da lógica. Demais, é bem fácil a cada leitor julgar por si do valor dessas demonstrações, e da lógica das conclusões; elas se fundamentam em fatos universalmente reconhecidos. Toda doutrina que se apóia sobre a observação e a teologia, e se acorda com as leis gerais do universo, deve ser tida como verdadeira até prova do contrário. A paixão da linguagem, aqui não dissimulada, traduz a sinceridade com que essas coisas foram pensadas e escritas.

Manoel Bomfim
Paris, março de 1903